

REDACÇÃO  
LARGO DE S. FRANCISCO  
ADMINISTRAÇÃO  
Rua Infante D. Henrique, 27 e 33  
(CASA BRITO & SOUSA)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

# ACÇÃO SOCIAL

SEMAMARIO CATÓLICO  
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

ASSINATURAS  
Ano... 12\$00 Semestre... 6\$00  
Pelo correio, mais o porte.

ANÚNCIOS  
Linha (corpo 12)... 1\$00  
Repetição... \$50  
Comunicados — linha... \$70  
Anúncios permanentes, contra-  
cto especial.

DIRECTOR E EDITOR—Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR—Avelino Gomes de Sousa

PROPRIEDADE da Empresa da 'ACÇÃO SOCIAL,

## A Função da Imprensa

Ha uns anos, monsenhor Ketteller lançou esta afirmação ousada, que o clero alemão profundamente reflectiu: *Se São Paulo visse nos nossos dias seria um jornalista!*

Criaram então os alemães centenas de periodicos que foram outras tantas sentinellas vigilantes a estimularem os fracos, a animarem os fortes, a desmascararem os corruptores e corrompidos.

Foi esta imprensa que venceu Bismarck.

Referindo-se aos católicos franceses Windthorst, o chefe do Centro no Reichstag, podia dizer com propriedade:

«Inabeis combatentes! Fecham-se as suas escolas, eles contentam-se com a construção de outras. Faz-se a demolição das suas obras sociais—eles só se preocupam com a formação de outras novas. Porque não pensam eles em paralisar o braço que é mais rapido em destruir do que eles o são em edificar? Porque não empregam eles o seu dinheiro em criar uma imprensa poderosa?...»

Ligeiramente procederam aqueles que criticaram a alta direcção do Centro português por dar um forte impulso à imprensa católica, supondo porventura que outras obras haviam mais urgentes do que esta.

Ha muito já no nosso pobre país a opinião pública se tem caracterizado por ser a peor das opiniões.

Porquê?  
Porque essa opinião tem sido formada à custa da audacia de alguns—e da cobardia de outros.

O Cardial Sarto que devia subir ao sólio pontificio com o nome de Pio X, informado de que um diário católico de Veneza ia desaparecer, por falta de recursos, disse, magoadamente: «Se eu pudesse dar a minha cruz pastoral, os ornamentos das minhas igrejas e os meus proprios moveis para garantir a existencia da *Defesa*—assim se chamava o periódico—fá-lo-ia de boa vontade».

Quantos sacrificios comoventes não terá dispendido o nosso admirável Episcopado para vivificar a luta dos catolicos feita por este meio—que é o grande, o unico, o soberano meio?

E quantos católicos indifferentes responderam a esta attitude de nobresa? Quantos?...?

Ergueram os olhos até ao braço, que estava alto e que lhes apontava o caminho—o caminho que todos vão reconhecendo hoje, embora veladamente ser o verdadeiro caminho a seguir!

Esse braço estava realmente muito alto. Era o braço da Igreja.

Esses... católicos, — indeferentes, uns, mal intencionados outros; transviados, todos—acharam que era preferivel baixar os olhos até à

lama pela qual esta infeliz sociedade se vai arrastando, a procurarem uma pedra que podessem atirar contra a obra que se projectava.

E a lama contem sempre muitas pedras que gratuitamente se oferecem aos que estão habituados a baixarem-se... Erguer os olhos é um trabalho muito mais difficil, para aqueles que nunca ergueram os olhos para o ceu.

Um dia o saudoso Emilio Faguet contou num dos anfiteatros da Sorbonne, o seguinte incidente jornalístico:

«Um rapaz apresentara-se ao director dum grande diário politico com a aspiração de conseguir um lugar de redactor. Mandaram-no apresentar um artigo de polémica demonstrativo das suas aptidões. Assim fez. O director do referido periódico examinou o artigo cuidadosamente: o candidato exgotara o assunto que se debatia...»

—Meu caro, disse-lhe o velho jornalista, o seu artigo não está mau... Não está muito mau... Mas ha um grande defeito na sua composição...

—Qual? Perguntou o rapaz, muito aflito supondo que se esquecera de encarar o assunto por qualquer lado importante.

—Meu amigo, você cometeu um grande erro: *trabalha da questão*. Num jornal quando se discute, não se toca nunca na questão que se debate porque, de contrário, toda a gente se aborrece. Anda-se de roda, não se apura nada de positivo daquilo que se escreve e crivamos o nosso adversário de epigramas. E' isto o jornalismo».

Esta anedocta referida por Faguet dá conta do que é o *mau jornalismo politico*. Não é este o caminho que seguem os diários destinados a orientarem o espirito dos seus leitores, em lugar de serem orientados por eles? Admitese, erradamente, que um periódico politico deve vender ao seu publico palavras com a côr que esse publico deseja; em resumo: que deve ser mais composto pelos seus assinantes do que pelos seus redactores...

Nada mais falso nem mais pernicioso!

Quando um periodico não é exclusivamente de *bôa doutrina*—deve ser ao menos de *bôa informação*. Quando não melhora a Sociedade—não deve ao menos fazer a Sociedade peor. E não tem pesadas culpas os grandes diários que fazem a anatomia do crime com tão abundante copia de pormenores que conseguem transformar um simples relato numa perfeita lição? Não são reus dum crime alto aqueles que vão assinalando as 16.<sup>as</sup> prisões dos malfetores com o respectivo retrato dos bandidos?

Arquivos de bagatelas,

lhes chamou Voltaire, a estes tais. Mas de bagatelas tão venenosas como os bolos que a policia atira para a rua envoltos em substancia assucarada.

A nossa imprensa, a imprensa catolica, deve ser a nossa farmacia mental na qual encontraremos todas as manhãs o tonico que nos permitirá tirar todo o rendimento espirital de mais um dia de esforço e onde á noite o bom chefe de familia encontrará, à lareira, o calman-te para os seus nervos, infalivelmente perturbados pelo mundo exterior.

Honra áqueles que labutam sob as nossas tendas de combate. Honra áqueles que fielmente copiam o valente jornalista Luiz Veuillot que venceu porque teve sempre por si o Papa e a Gramatica: bem merecem que as suas penas de combate, como outras tantas palmas de martirio, os acompanhem quando baixarem ao Campo Santo com a consciencia do dever cumprido. Os jornalistas de hoje podem perfeitamente adaptar essas palavras do Mestre, pronunciadas, com admiração geral em Dezembro de 1842, perante o desespero de Cuvillier Fleury:

«Perante as facções de toda a especie, nós não pertencemos senão á Igreja e á Patria. Entre as coisas que passam, entre as presentes ruínas, entre as ideias que veem, que partem e que tornam a voltar, nós consagramo-nos ás unicas coisas, ás unicas ideias que não passam: á Igreja e á Pátria».

Não pretendemos prever o juizo de Deus sobre as causas em litigio nem violentar o futuro arrancando-lhe segredos que se não descobriam senão no dia marcado; mas, desprovidos de qualquer má vontade para com as opiniões leais e permitidas—persuadidos de que tudo quanto é honesto e legitimo na desordem presente terá lugar na ordem futura—não somos absolutamente hostis senão á origem radical da desordem, á impiedade e á depravação das doutrinas, ao tremendo aviltamento dos costumes. Justos para com todos, submissos ás leis da Nação e dedicados ás leis da Igreja—livres e cristãos—reservamos a nossa homenagem e o nosso amor para toda a autoridade verdadeiramente digna que, fazendo-nos sair da anarquia actual, publicamente mostre que essa autoridade vem de Deus e avance para os novos destinos de Portugal tendo na mão uma cruz.

D. Antonio Pereira Forjaz.

Antonio Vilas Boas

Transitou da Farmacia P. Lamela para a Farmacia Pacheco Leite, este nosso estimado amigo, habil ajudante de Farmacia, a quem desejamos muitas felicidades,

## Católicos!

SOIS OBRIGADOS, EM CONSCIENCIA, A RECENEAR-VOS

Dentro de breves dias vai fechar-se o periodo marcado pela lei, para a inscrição dos cidadãos nos cadernos do recenseamento eleitoral. E' mister que todos os catolicos, em condições legais de o fazer, se façam inscrever imediatamente. Não se trata de uma questão meramente politica; trata-se de um grave, de um imperioso dever de consciencia a que ninguém pode subtrair-se, sem incorrer em graves responsabilidades. Na sua Pastoral colectiva, o venerando Episcopado recorda esse urgente dever, nestes termos claros e expressos:

«Os catolicos estão obrigados, em consciencia, a fazerem-se recenear oportunamente e segundo os termos da lei.»

Hoje a necessidade em que todos os catolicos se encontram de se recenear os seus, assume o caracter de uma extrema gravidade.

Em todos os tempos e em todas as circunstancias se torna um dever de consciencia contribuir para a defeza e exaltação da Igreja.

Essa defeza, para ser eficaz, deve ser posta e desenrolada no plano em que o ataque se faz. Ora a Igreja vive em Portugal, numa situação de tolerancia, deprimente e insultuosa. Os seus bens foram arrebatados e as suas liberdades coarctadas. A perseguição deixou-a nua e almejada. É, para supremo escarneo, envolvida numa atmosfera de condescendencia, que briga violentamente com a sua missão. A Igreja foi a formentadora de toda a nossa civilização e de todo onosso engrandecimento. Todos os relampagos da nossa gloria, toda a floração das nossas grandezas foi elaborada com as energias fecundas da sua seiva. Nas horas conturbadas que passam, a sua vida é ainda o unico remedio aos males que nos torturam.

Todos os interesses nacionais, todas as exigencias da paz publica, todo este vil abatimento em que caímos reclamam que se dê á Igreja, com a liberdade, os meios seguros para que ela possa reconduzir a Nação aos claros caminhos da sua grandeza e da sua gloria. Sobre o interesse da nação, tripudia vitorioso o interesse das «lojas», defendido pelas multiplas camarilhas politicas, que tomaram de assalto os postos de comando. E' em nome da lei que a Igreja é algemada. Para assegurar á Igreja o exercicio das suas liberdades, é mister levar aos collegios legislativos quem restitua ás leis o imperio da justiça e as modele nos interesses da nação. Para isso, «é manifesto, como dizia Leão XIII, que os catolicos tem de entrar na politica; não o fazem nem devem fazer para aprovar o que actualmente existe de condenavel nas instituições quando ser possa, o bem geral e verdadeiro, tendo o proposito de infundir em todas as veias do Estado, como seiva e sangue saluberrimo, a sabedoria e virtude da religião catolica.»

Catolicos, recenear-vos!

## NOTA DO DIA

Das «Novidades»:

Festeja hoje o Estado republicano a data da primeira sublevação, destinada a substituir no poder a formula monarquica, pela democratica.

Ha 31 anos, os homens que em 91 arrastaram para as ruas do Porto uma parte das guarnições militares sonhavam realizar, com a mudança das instituições, uma profunda reforma na administração do paiz, nos costumes politicos e sociais...

Dos que sonharam essa transformação, poucos vivem já e esses poucos quasi de todo afastados da actividade politica!

A Republica de sonho tornou-se realidade e esta desmentiu a ilusão de que basta mudar as formulas para mudar a mentalidade e os costumes. Porventura estamos hoje melhor, em materia de ordem, de administração e de costumes politicos do que em 1891?

Observadores imparciais, visto que toda a nossa acção religiosa e patriótica se coloca, nesta hora, acima das formulas politicas, não podemos deixar de constatar que a Republica tal como está não contenta nem satisfaz os proprios republicanos.

Foi facil fazer a critica dos erros cometidos pelos politicos do antigo regimen; foi facil ainda encontrar dentro dele, complicitades que bastassem para o fazer tombar em 5 de outubro sem resistencia; foi facil, numa palavra, a obra de demolição afoitamente empreendida; mas quando chegou a hora de construir todos pareceram feridos de incapacidade ou impotencia...

Ha 14 anos que a Republica tem feito apenas demolições, presos os seus arautos da tremenda ilusão de que basta mudar as coisas, e por vezes apenas os nomes, para progredir.

Se porventura entre os politicos a quem a formula democratica apaixonou, ainda ha alguns que conservem a chama idealista de 91, seria caso de lhe pedirmos em nome do paiz, que parece chegada a hora de fechar o ciclo das demolições.

E a esses, com a maior das isenções, lhes diremos hoje: a Republica tal como tem vivido até hoje não é formula portuguesa, porque aberra de todas as nossas tradições e contradiz, nomeadamente na sua laicisação forçada, a consciencia religiosa do nosso povo.

Se os republicanos não querem que a Republica desapareça, tratem de a nacionalisar, sacudindo de vez os estrangeirismos que a incompatibilizam com a sadia e remota tradição portuguesa, onde é facil descortinar democracia, mas da boa, da autentica, liberta de francezismos jacobinos e de fantasias revolucionarias em tudo daninhas e perigosas.

As formas politicas devem servir o paiz, não vexa-lo.

A forma republicana não conquistará adeptos pela violencia, nem podera tornar a nação feliz á força: e so podera vencer a crise de indiferença que provocou, impondo se pela competencia dos seus homens e pela honestidade dos seus processos...

## INTIMOS QUEIXUMES

Nos termos mais sentidos e correctos  
—em sublimes arroubos d'expressão—  
quizerá descrever esta paixão  
que se lê nos meus olhos tão discretos,

Mas não preciso architectar sonetos  
p'ra vos patentear minha afeição:  
bem sabeis que o meu pobre coração  
a vós consagra os seus melhores affectos.

Eu tinha posto em vós minha esperança,  
e, se afrontar o coração vos quero,  
é para não viver nesta incerteza...

Que enquanto não tiverdes confiança  
neste meu peito—simples mas sincero—  
não desperei os crepes da tristeza.

Barcelos, Janeiro de 1925

ANTÓNIO M. RAMOS

## Barcelos e as Musas

A poesia em terras de Barcelos.  
Um notável e precoce tem-  
peramento poético. Que-  
reis deliciar-vos  
com um mimoso bouquet  
d'arte?...

Não vão ainda muitos meses  
que p'na erudita resenhou nas  
colunas deste semanário uma  
farta coleção de escritos e pro-  
duções literárias barcelenses.  
Nessa honrosa galeria de nota-  
bilidades literárias da nossa ter-  
ra destacavam-se, como o leitor  
notou, muitos que foram cari-  
nhosamente bafejados das Mus-  
as, muitos que cultivaram com  
sucesso a sublime arte da Poe-  
sia.

Pois, leitor amigo, agora—mór-  
mente depois de ter surgido no  
mundo das letras o precioso li-  
vro *Névoas da Madrugada*—po-  
demos juntamente orgulhar-nos  
de ver essa pleiada brilhante  
acrescida e engrandecida com  
mais um elemento d'alto valor.  
E' que Arnaldo Bezerra, o  
inspirado autor desta delicada e  
surpreendente produção poética,  
não é apenas uma esperança aus-  
piciosa; é já uma autêntica e fe-  
liz realidade.

Conheciamo-lo já das propri-  
as colunas deste jornal que êle  
tem honrado com uma frequente  
colaboração que sobresaí pela  
elevação dos conceitos e pelos  
primóres tão característicos da di-  
cção.

Não nos tinham também pas-  
sado despercebidas algumas poe-  
sias da sua lavra, prodigamente  
semeadas por outras publicações  
inclusive o popular *Almanaque  
de Santo Antonio*.

Em tudo isto transparecia já  
no autor uma inteligência lúcida,  
cultu, um espirito bem orientado  
desempoeirado, azevilhado por  
uma esmerada educação christã e  
por um frutuoso estudo.

Não nos enganamos: e a nossa  
admiração pelo illustre poeta e  
glorioso patricio subiu de ponto,  
quando últimamente mão amiga  
nos fez chegar á mesa de traba-  
lho um exemplar do encantador  
livrinho *Névoas da Madrugada*,  
bem como ligeiras notas biográ-  
ficas que nos confirmavam naque-  
le conceito lisongeiro do autor e  
no-lo davam como um cristão de  
sólidas crenças, um católico de  
mandamentos, um professor de  
mérito, um anacoreta de estudo  
e laboração literarária e... uma  
criança,—cerca de 22 primave-  
ras!

Lêmos, ou melhor, devoramos  
o maravilhoso livrête d'um fôle-  
go e, francamente, ficamos deli-  
ciosamente impressionado, apez-  
ar de sermos mais, muito mais  
afeiçoado a estudos positivos,  
práticos, precisos, do que aos  
torneios de imaginação, aos flo-  
reios de linguagem das criações  
poéticas e românticas.

E' que o novel autor, dedi-  
lhando já com rara mestria todas

as cordas da lira, soube dar áque-  
le mimoso feixe de 34 ou 35 poe-  
sias, de felicíssima inspiração, as  
formas mais atraentes pela per-  
feição e variedade. Foi assim que  
ele, dando sinal d'um talento  
precoce e rara pericia, percor-  
reu toda a gama das variadissi-  
mas formas poéticas, desde o  
alexandrino e o decasilabo gave,  
pausado, ritimico, solêno, até á  
redondilha fluente, saltitante, lé-  
pida, galante, não faltando mes-  
mo o epigrama mordaz e galho-  
feiro.

No agrupamento dos versos  
em estâncias ou estrofes, a mes-  
ma variedade e profusão de mo-  
delos poéticos.

Em suma: Uma criança na  
idade, e um poeta formado, ge-  
nial, habilíssimo.

Desejarias talvez amostras,  
presado leitor?

O difficil está na escolha.

Contudo ai vão, a granel, es-  
tes retalhos.

Do soneto *Noites de inverno*:

Andam brazas na lareira,  
—vozes do lume a cantar!—  
Tange o fuso a fiandeira,  
anda o bercinho a embalar!

Do *Na aldeia*:

Tocam sinos: Senhor fora!  
Lá vai a gente a cantar,  
soluça ao longe uma nora,  
mais longe, retrôa o mar!

Da *Na fonte d'amores*:

—Da-me de beber, menina?  
Quedaninha séde eu tragol?  
—Quanta queira, senhor meu;  
—disse-lhe ella em voz de afago.

Mais lá fóra passa a estrada  
com freixos de par a par.  
Não é linda a nossa terra?  
Não lhe parece um pomar?

—E' um encanto, na verdade!  
—Outra ainda nao viu assim?  
—Isto é um ninho d'alvas rôlas  
cujas p'enas são marfim!

E a propósito desta lindissima  
poesia e outras que vêm disper-  
sas pelo mavioso voluminho,  
nomeadamente a páginas 25, 33:

Talvez algum leitor de sensi-  
bilidade moral mais delicada as  
ache um tudo nada...realistas.

Não o contesto: mas o leitor,  
olhando-as só quanto á belêza  
estética, que é notavel, relevará  
ao autor esse pequenino senão  
o se assim lhe posso chamar,  
tanto mais que liberdades simi-  
lhantes, e bem mais graves, são  
vulgarissimas nas composições  
liricas, mesmo de poetas tidos  
como sérios e graves, v. g. o  
consagrado João de Deus.

Em conclusão: o *Névoas da  
madrugada*, conquanto seja as  
primicias d'um genial tempera-  
mento poético, é uma joia de  
subido valor literário; é um mi-  
môso *bouquet* d'arte, bem digno  
de ser lido pelos amadores das  
belas letras e da divina arte da  
poesia.

Para os barcelenses ilustrados,  
além dos deliciosos momentos  
de fazer espirital que lhes pro-  
porcionará a sua leitura, acresce  
ainda um motivo de civismo,  
para o adquirirem. Com isso

## BARCELOS EM TEMPOS IDOS

OU

Roteiro histórico da vi-  
la de Barcelos e zona  
urbana de BarcelinhosFortificação barcelense  
(Descrição sucinta)

Como disse a aréa delimitada  
pelo circuito muralhado em tem-  
po do 1.º Duque de Bragança  
—e Conde 8.º de Barcelos—era  
pequena; no artigo anterior dei-  
xei noticia do roteiro intra-muros  
e agora ao transpo-los deirei su-  
cintamente qual o seu traçado,  
facilmente reconstituível ainda  
em grande parte tantos são os  
restos subsistentes da velha for-  
tificação barcelense. E no exa-  
me desse traçado encontramos a  
confirmação de que a vila nas-  
ceu tão sómente da necessidade  
de facilitar comunicações de mar-  
gem para margem do rio Cávado.

Com effeito a parte principal  
das fortificações era constituída  
por um paço acastelado (residen-  
cia do donatario) enfrentando a  
ponte e defendendo-a com uma  
obra propria—uma *Torre-Tor-  
reada*—; desses paços, para um  
e outro lado partia a cercadura  
de muros, com seus apoios em  
cubêlos, abraçando a povoação,  
fechando-se o circuito no extre-  
mo oposto da vila com uma forte  
torre—*Torre da Porta Nova*—  
residencia do alcaide-mór da no-  
meação do donatario.

Caminhando dos Paços do do-  
natario—subsistentes em ruínas  
interessantíssimas—para o nas-  
cente o muro seguia a beira-rio  
na direção da actual rua Faria  
Barbosa até ao Pecegal, havendo  
neste lanço dois cubêlos e dois  
postigos, acaso servindo de Poi-  
tas de Traição, senão ambos um  
dêles.

Colocada aqui hoje tem o  
Ex.º Sr. Conde de Vilas-Bôas  
uma varanda, onde são as tra-  
zeiras do seu palacete.

Depois continuava o muro  
inletindo-se em linha recta para  
norte e subindo até ao local e  
por detraz do edificio do Banco  
de Barcelos, onde em outro an-  
gulo se desviava para noroeste  
até á dita torre da Porta Nova  
—cadeia comarcá desde 1631 36—  
defeza da porta esta des-  
aparecida e localizada na saída  
da actual rua D. Antonio Barroso.

Para além dessa porta o muro  
dobrava em angulo quase recto  
para poente seguindo n'essa di-  
reção em recta paralela á referi-  
da rua até á Travessa do Apoio  
—antiga rua da Esperança—local  
de outra torre defeza da Porta  
do Vale, e desta partia de novo  
em curva ampla para sul forman-  
do um dos lados do actual largo  
da Fonte de Baixo até ao posti-  
go do mesmo nome ainda reco-  
nhecível.

Por fim descia sobre a margem  
escarpada do Cávado pela viela  
das Vivandeiras, e dobrando  
para nascente, fechava a vila no  
cunhal poente da Torre-Torreada  
da Ponte.

—A fortificação de Barcelos  
encontra-se no «Livro das forte-  
lezas do Reino por Duarte de  
Armas», códice do seculo XVI—  
pouco poste ior portanto á con-  
clusão dos muros barcelenses—,  
arquivado na Torre do Tombo e  
que é sem dúvida a mais antiga  
figuração da vila depois de mu-  
ralhada.

Levantou-se esta construção  
entre os anos de 1446 a 1471,  
sendo, repito, director déla, Tris-

darão ao esperançoso autor alen-  
tos para que espanda o seu estro  
pujante em novos vôos poé-  
ticos, como êle almeja, enrique-  
cendo as letras pátrias e dando  
glória á sua e nossa terra.

O *Névoas da madrugada*  
acha-se á venda na *Companhia  
Editora do Minho (Barcelos)*  
que o editou.

V. A.

tão Gomes Pinheiro (talvez que  
escolhido pelos seus conheci-  
mentos técnicos e merecer a  
confiança do duque).

Este Tristão Gomes Pinheiro,  
que uns dizem natural da Galiza  
e outros descendente dos Pinhei-  
ros da freguesia de Outiz (hoje  
do concelho de Vila Nova de  
Famalição para onde se passou  
do nosso), faleceu e jaz em Bar-  
celos na igreja da extincta cole-  
giada.

Consta ser parente chegado de  
Tereza Lcurenço, avô do 1.º Du-  
que de Bragança,—mãe dél-rei  
D. João I—o que corrobóra tal  
parecer a liberdade da grandeza  
no levamtamento do solar dos  
Pinheiros proximo (Veja-se  
as *Noticias de Viana*, liv.  
3.º, da 1.ª e 2.ª partes, pelo pa-  
dre Antonio Machado Vilas-Bôas,  
manuscrito de 1719-26, hoje na  
importante livraria do ex.º sr.  
José Gomes, um dos directores  
da Agencia do Banco de Por-  
tugal, em Braga).

E' pois para fóra desta zona  
que vou continuar o Roteiro de  
Barcelos, isto é extra-muros e  
arrabaldes da povoação.

(Continua).

B. Antas da Cruz

## S. Paio de Carvalho

Graves acontecimentos. Um  
pároco desrespeitado. Uma  
Junta d'Opera-bufa. Um  
regedor á altura. No-  
ta cómica.

Gravissimos foram os acon-  
tecimentos que, no passado do-  
mingo, se desenrolaram nesta  
pacata e laboriosa freguesia.

Porque a autoridade ecle-  
siástica se não vergasse ás  
imposições da *ilustre* Junta  
desta freguesia que, á viva for-  
ça, queria um pároco de feição,  
resolveu ella mostrar a *sua im-  
portancia*, inpedindo a posse  
do pároco legitimamente nomea-  
do, com o fechar as portas da  
Igreja e se apoderar das res-  
pectivas chaves.

Com este fim, foi ter com o  
reverendo pároco e virtuoso  
sacerdote, Padre Manuel José  
Fernandes, da freguesia de  
Gilmonde, para lhe dar parte  
das resoluções tomadas a tal  
respeito.

Sua rev.ª procurou balda-  
damente dissuadi-la dos seus  
intentos e, á imposição que lhe  
fôra feita para não vir dizer a  
missa ao povo, no domingo,  
respondeu com nobre altivez  
que cumpriria as ordens que  
lhe foram dadas por quem de  
direito, custasse o que custas-  
se.

E assim o fez. Mas a Junta  
e o regedor, acompanhados de  
quatro praças da guarda repu-  
blicana, embargaram-lhe os  
passos, quando se dirigia para  
a Igreja, exigindo-lhe as chaves.

Como o pároco se recusasse,  
foi detido pela autoridade até  
que chegasse o sr. administra-  
dor, que, tomando conta das  
chaves, as entregou ao presi-  
dente da corporação adminis-  
trativa.

Por hoje, limitamo-nos á  
narração singela dos factos,  
sem os comentários que estes  
nos sugerem, contentando-nos  
apenas com perguntar se as  
leis, neste paiz, foram feitas  
para se cumprir ou para serem  
interpretadas ao sabor dalguns  
letrados pataqueiros...

Não terminaremos, porem,  
sem nos referirmos a uma nota  
cômica que os leitores, com  
certeza, vão gulosamente sabo-  
rear.

Quando o *ilustre regedor* no-  
tificou a detenção ao rev. pá-  
roco, fê lo, pouco mais ou me-  
nos, por estas palavras:

—Está detido, mas pode ir  
para onde quizer!!!

Querem-no assim ou com  
mais molho?

Tambem é o que nos vale pa-  
ra acalmar os nervos e não

empunharmos... a vassoura...

Voltaremos ao assunto... se  
a maldade e a estupidez conti-  
nuarem a tripudiar impune-  
mente sobre as crenças reli-  
giosas deste povo, no seu ge-  
ral, bom e ordeiro. C.

## Ecos e Noticias

S. Braz

E' amanhã, domingo, que se  
realisa em Barcelinhos, a po-  
pular romaria de S. Braz, que  
costuma ser muito concorrida.

Esta festa será abrihantada  
pela banda do Corpo de Salva-  
ção Publica Barcelinense.

## A malta das salgadeiras

Audaciosos gatunos, que não  
sabemos se fazem ou não par-  
te da famigerada «malta das  
salgadeiras», penetraram, por  
uma «gateira» na adega do sr.  
José Antonio Martins de Crei-  
xomil, retirando das competen-  
tes salgadeiras a carne de dois  
suínos que ali se encontrava.  
Vai sem comentarios.

## Aniversario do regicidio

Comemorando a triste data  
de 1 de Fevereiro,—celebrou-  
se no ultimo domingo, na igre-  
ja Matriz, uma missa em su-  
fragio da a'ma de El-Rei D.  
Carlos I e do Principe herdeiro  
D. Luiz Filipe.

Foi celebrante o sr. P.º Do-  
mingos de Figueiredo, tendo  
concorrido a este acto religioso  
muitas pessoas de todos os ca-  
madas sociais, que assim pre-  
staram homenagem ás victimas  
daquella celebre e lugubre tar-  
de.

## Farmacia de serviço

Amanhã, domingo, está de  
serviço a Farmacia Carlos Ra-  
mos.

## Doentes

Teem estado doentes o que  
muito sentimos, os sr.ª Luiz  
Maria da Costa d'Almeida Fer-  
raz, de Barcelinhos, dr. Por-  
firio Antonio da Silva, digno  
notario nesta comarca, e Pau-  
lo José A.ves da Silva, de Qui-  
raz.

A todos desejamos progres-  
sivas melhoras e pronto resta-  
belecimento.

Federação dos Bombeiros  
Portugueses

Acabamos de ter conhecimen-  
to de que o Conselho Directivo  
da Federação dos Bombeiros  
Portugueses, em sua reunião  
de 2 de janeiro ultimo, nome-  
ou delegado da mesma Federa-  
ção na provincia do Minho, o  
nosso presado amigo sr. Joa-  
quim José d'Araujo, na quali-  
dade de comandante do Corpo  
Voluntario de Salvação Publica  
Barcelinense, tendo sido ele-  
vado á categoria de Delegação  
o quartel deste Corpo Volun-  
tario.

Felicitemos, o activo co-  
mandante do C. V. S. P. B. e  
todos os que compõe o mesmo  
Corpo, pela honrosa distincção  
que acabam de receber.

## Eleição do Santo Padre

Passou hontem, 6 do corren-  
te, o 3.º aniversario da eleição  
de Sua-Santidade o Papa Pio  
XI, tendo-se celebrado, em to-  
das as dioceses, o solene «Te-  
Deum» em acção de graças.

E' Sua Santidade a autorida-  
de que em si encerra a mais  
alta grandeza moral do mundo  
e a Quem todos os povos ren-  
dem o preito da sua homena-  
gem e a Quem os catholicos  
afirmam obediencia e respeito,  
como é devido ao Vigario de  
Cristo.

Como jornal catolico, tambem  
afirmamos a nossa obediencia  
á voz do glorioso Pont'fice e  
submissão gostosa ás suas de-  
terminações, pedindo ao Céu  
que conserve por muitos anos  
a preciosa vida de Sua Santi-  
dade Pio XI.

**Antonio Sardinha**

Passa no dia 9 do corrente o 30.º dia do falecimento deste distinctissimo escritor e catolico pratico, cuja morte foi uma autentica afirmação da sua fé. Comemorando esta data, a empresa editora «Lumen» lançará no mercado literario o ultimo livro de Antonio Sardinha, intitulado «Ao ritmo da ampolhetta», continuação dos estudos historicos que o malgrado escritor iniciára com o seu livro de grande successo, intitulado «Ao principio era o verbo...»

**Associação Comercial**

Reuniu-se na ultima quarta-feira, em reunião extraordinaria, a Assembleia Geral da Associação Comercial de Barcelos.

Nesta reunião foi ractificado um voto de plena confiança á digna Direcção para continuar a prestar todo o seu apoio e solidariedade ao movimento iniciado pela Associação Comercial de Lisboa e empregar esforços no sentido de se organizar sem perda de tempo a Comissão promotora das festas das Cruses no corrente ano.

Ocupando-se do assumto do descanso semanal, tendo conhecimento da attitude que ultimamente tem sido tomada por alguns negociantes com respeito á interpretação do regulamento camarario em vigor, tendo, sobre este assumto, deliberado fazer uma consulta a todas as firmas comerciais desta vila e de Barcelinhos, a fim de a Associação Comercial se habilitar, pelo voto da maioria dos negociantes, a representar á Camara no sentido da vontade que fór expressa nessa consulta.

**Espectaculo**

No salão teatro do Circulo Catolico de operarios realisa-se, amanhã, um variado e interessante espectáculo, talvez o mais completo da presente epoca. Vão á scena as engenhosas comédias «Macacos no Sotão», «Uma casa de Estroinas» e o comovente drama o «Ladrão». Tambem o grupo infantil de meninas representará a linda comedia «Tribunal em Miniatura» e dois engraçados monologos. Será uma diversão agradável e o produto reverte em beneficio das obras.

**Luiz de Camões**

Fez na ultima quinta-feira, 5 do corrente, 401 anos que em Lisboa nasceu o grande poeta nacional e primoroso cantor das nossas glorias patrias, Luiz de Camões.

Nos registos da «Casa da India» encontra-se um assento em que se lê o seguinte:

«Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Ana de Sá, moradores em Lisboa, á Mouraria, escudeiro, 25 anos, barbi-ruivo, trouxe fiador a seu pai; vai na nau dos Burgaleses.»

**Os nossos contos**

**PERRO IVO**

**A DOIDA DE TAGILDE**

I

Certo de que ela se não riria, retirei-me cautelosamente, e fui sentar-me um pouco mais longe. Despertara-me a curiosidade aquella mulher.

Meia hora, seguramente, permaneceu ella ali, entregue d'alma e coração á sua tarefa, até que, satisfeita provavelmente com o seu trabalho, mirou o chapéu por todos os lados, e pondo-o finalmente, na cabeça, retirou os pés do rio e, ajoelhando sobre a margem, contemplou atentamente a propria imagem, reflectida na agua. Em seguida, erguendo-se, voltou-se para a ovelha dizendo «Anda, Melina... vamos esperar o Francis-

**Pão de St.º Antonio**

O rendimento da caixa das esmolas do Pão de St. Antonio, no mes de Janeiro findo, foi de 163\$35.

Entre estas esmolas foram encontradas 3 notas de 20\$00, 4 ditas de 10\$00, e 3 de 5\$00.

Bom é que todos se lembrem de concorrer para o pão dos pobresinhos.

**Vasco da Gama**

A ultima semana foi dedicada á comemoração do 4.º centenario de Vasco da Gama, o descobridor do caminho marítimo da India, festas a que em Lisboa se associaram quasi todas as nações estrangeiras, fazendo-se representar nos actos officiais por poderosos navios das suas esquadras e pelos seus diplomatas.

A Santa Sê fez-se representar por um enviado extraordinario, o venerando Nuncio em Madrid, que foi alvo das mais justificadas atenções.

O acto mais solene e mais brilhante das festas, foi a cerimonia religiosa no formoso mosteiro dos Jeronimos, onde está guardado o corpo do grande lobo do mar, acto a que assistiram os representantes das nações estrangeiras, como corpo diplomatico, destacamentos dos navios de guerra, representantes do sr. Presidente da Republica e do governo.

**Recolhimento e azilo do Menino Deus**

Esta simpatica instituição recebeu mais os seguintes doativos:

- Augusto Melo, 20\$00; Manuel Carvalho, B. U., 10\$00; Barbosa, B. U., 5\$00; B. U., 2\$50; Melo, B. U., 2\$50; Araujo, B. U., 5\$00; Gil, B. U., 2\$50; Lima, B. U., 2\$50; Secundino, B. U., 2\$50; Lucena, B. U., 2\$50; Luiz Pereira, 2\$50; Joaquim Martins, 2\$50; Anonimo, 50\$00; Profesor Torcato, 2\$50; Antonio Augusto Afonso, 10\$00; Róque da Silva, 7\$00; Manuel José da Silva, 5\$00; João Mota da Silva, 5\$00; Domingos Barbosa, 5\$00; João Silva, 2\$50; Manuel da Silva, 4\$00; Antonio da Costa Portela, 10\$00; Dr. Gonçalo Araujo, 20\$00; Raul Veloso, 10\$00; Jose Quintas, (filho), 5\$00; Manuel Afonso, 5\$00; Jose Antonio Rodrigues, 20\$00; Manuel Jose de Sousa, 5\$00; D. Carlota Correia 1\$00; Jose da Graça, 10\$00; João Torres, 1\$00; Julio Torres, 10\$00; Ernêsto Campos, 10\$00; J. Amorim, 2\$50; Eduardo Prado, 2\$50; Amadeu dos Santos Pereira, 5\$00; Jose Joaquim da Costa, 2\$50; Ismael Macedo Gajo, 5\$00; Antonio Fernandes Rosa 20\$00; Manuel Fernandes Salvação, 20\$00; Humberto Gonçalves, 5\$00; Joaquim Coelho Vale, 2\$50; Julio Alves de Sousa, 2\$50; Major Fernando Cardoso, 5\$00; João Novaes (Macleira), 1\$00; Antonio Luiz Falcão, 1\$00; João Batista Correia, 5\$00; Antero

eo.» E a Menina levantando-se, correu, n'aquelle passo tremulo e pretencioso das ovelhas, a collocar-se deante da dona e lá seguiram as duas, como a mulher de novo cantava,—estava guiada pela ovelha, por Deus guiada!

Mas quem era aquella doida— pois já se vê que o era que assim ia, acompanhada por uma ovelha, como por um cão em procura d'esse, a quem chamava Francisco?...

II

Não imaginem os leitores, que estou improvisando!..

Não!... Quem tiver ido a Vize-la, haverá vinte anos deve ter visto aquella mulher mais do que uma vez. Curioso de descobrir quem era a pobre doida, logo ás primeiras perguntas tive quem me dissesse: «Ah! já sei!... É a doida de Tagilde, ou da ovelha, como lhe chamamos por aqui.»

E sabe a historia da pobre mulher?... perguntei eu.

- Faria, 10\$00; V.º Fernando Marinho, 15\$00; Eduardo Afonso Ferreira, 10\$00; Alfredo Viana Lopes, 2\$50; Joaquim Costa Carvalho, 5\$00; Francisco Sampaio, 5\$00; Manuel Miranda, 5\$00; Manuel Nunes Pereira, 2\$50; Manuel Dias Fernandes, 2\$50; Adolfo Cibrão, 10\$00; Eduardo Carmona, \$50; João Vieira de Castro, 10\$00; Camilo Araujo, 10\$00; Alfredo Esteves da Costa, 10\$00; Manuel Pacheco, 2\$50; Mario Santos, 6\$00; Antonio Candido Braga, 2\$50; Antonio da Silva Vieira, 5\$00; Amanuenses da Camara, 20\$00; Manuel Jovelino d'Oliveira, 2\$50; Transporte 474\$00; V.º Martins, 10\$00; Joaquim Paxoto, 5\$00; Carlos Ramos, 10\$00; Thomaz Jose d'Araujo, 30\$00; Manuel Jose de Carvalho, 5\$00; Manuel Campelo, 5\$00; D. Ana Macedo Martins Lima, 10\$00; Jose Vieira Veloso, 5\$00; Dr. Oliveira Pinto, 10\$00; Manuel Ramos, 10\$00; Domingos Ferreira d'Azevedo, 5\$00; Reitor de Galegos de S. Martinho, 5\$00; Alfredo Viana de Lima, 2\$50; Jose Barbosa Correia, 10\$00; Luiz Maria Coelho, 10\$00; João Lopes de Carvalho, 10\$00; Jose Moreira dos Santos Ferreira, 9\$00; Jacinto Ribeiro Ozorio, 20\$00; Manuel de Sousa Correia, 3\$00; Officiaes do 3.º batalhão Infantaria 8, 50\$00; Dr. Jose G. Mates Graça 20\$00; Joaquim Antonio de Rosas, 2\$50; Venancio Loureiro, 2\$50; Jozefa Lopes, 5\$00; Francisco de Sá, 5\$00; Joaquim Medes Correia, 18\$59; Manuel Lebreiro, 5\$00; Manuel Antonio d'Almeida 50\$00; Armino Miranda, 20\$00; Dr. Domingos Figueredo, 5\$00; Antonio G. Vale, 10\$00; Manuel Quintas, 50\$00; Manuel Joaquim Ferreira, 100\$00; Antonio Joaquim Rodrigues e C.ª Lt.ª, 20\$00; Agostinho Pires, 2\$50; Manuel Carvalho da Fonseca, 20\$00; Joaquim Rodrigues Vogas 2\$50; Manuel Aranes, 10\$00; Dr. Pedras, 10\$00; D. Rosa e D. Adelaide Batista Coelho, 30\$00; Domingos Pereira de Faria, 2\$50; Costodio Galho, 5\$00; Adelino Quintas, 10\$00; Manuel Ramos de Paula, 10\$00; Jose Maria Monteiro Torres, 5\$00; D. Maria Eduarda Carmona, 20\$00; Anonima, 10\$00; Antonio Justiniano da Silva, 5\$00; João Carlos Coelho da Cruz, 8 metros de zefir e riscado; D. Biatris Guimarães, um garrafão de vinho; Ferreira Simão, 10.000; Manuel Luiz Pereira, 10.000;

**O concelho de relance**

**Alvito (S. Pedro)**

*A malta das salgadeiras.*

Tendo enceleirado pelo S Miguel, grande fartura de galinhas, batatas, pano de linho e mais, volta a malta das salgadeiras a fazer novo celeiro;

Se sei!... Todo o mundo o sabe! respondeu-me a minha senhoria, tia Miquelina, santa velha que morreu sem tomar um banho termal, por convencida de que aquella agua, que assim jorrava cheirando a enxofre, do seio da terra, era, como ella dizia,—aquecida nas profundas do inferno!

Então, se sabe, conte-m'a!...

A' noite... agora não; á noite!... respondeu a boa da velha.

E o caso é que tive de esperar até á noite. Escusado é dizer, que recolhi n'essa noite mais cedo. Se me não sahia da ideia a doida da ovelha!

Não nascera, infelizmente, a tia Miquelina, para contar casos.

Era uma ladainha monotona a narrativa, feita por ella, de forma que, sacrificando embora a côr local, tendo eu de contar a historia do meu modo.

Dziemos antes da epoca a que

coube agora a vez ao Snr. Daniel Lopes de Miranda, a quem levaram a carne da salgadeira (deixando apenas uns ossositos por escarnio), no valor de 1:100 escudos. Depois de seguros com a carne, forçaram a porta do quarto de dormir, (isto pela uma da madrugada) do Sr. Clemente Alves de Miranda, a ver... se poderiam levar tambem as suas economias: mas, como fossem presentidos, fugiram vagarosamente, dando gargalhadas, como, prova de não ter medo. Foi prezo, como um dos supostos autores do roubo, Antonio Fernandes, de S. Martinho d'Alvito, por dois guardas republicanos, que o conduziram ao Pôsto da Guarda.

Apezar de no interrogatório, a que foi submetido, negar comprometedoramente e logo se moveu a influencia do costume; pe o que foi posto em liberdade.

Isto é espantoso é unico!!

A continuar assim, será melhor substituir o nome do c. de Barcelos, pelo da Calabria ou Serra Morêna.

Para mais esta proeza, chamamos a atenção das dignas autoridades.

A titulo de curiosidade: consta que os *trunfs* do Fernandes foram um celebrado politico e uma proprietária de hotel.

**Abade de Neiva,**

Foi como de costume festejado nesta freguezia o glorioso martyr S. Sebastião com missa solene e Sermão. Foi orador o rev.º Abade de Lijó e de Barcelos vieram auxiliar o nosso bom paroco os Rev.ºs P.º Adelino de Miranda, P.º Joaquim Gaiolas, P.º Manuel Esteves e P.º João Torres, que se fez ouvir ao Armonium durante a missa e a benção do Santissimo. A imagem de S. Sebastião foi aformoseada com novas estas oferecidas pelo Snr. Antonio Ribeiro Ferreira.

No ultimo domingo ainda muitos destes foram visitar S.º Amaro e levar-lhe as suas promessas.

As pessoas mais em evidencia desta freguezia tiveram occasião de prestar ao paroco a sua dedicação indo a Barcelos incorporar-se no acompanhamento da falecida Sr.ª D. Virginia Esteves, irmã do Snr. P.º Antonio Esteves, nosso zeloso abade.

**Moure, 4**

A 21 do p. p. mez de Janeiro, na freguezia de Fonte Coberta, faleceu João Pereira de Faria, com a idade de 85. Os funeraes realizaram-se n'esta freguezia de Moure no dia 22 do mesmo mez e foram muito concorridos. Conduzia a chave do caixaõ o Ex.º Sr. Dr. Miguel da Fonseca, d'essa vila.

A' familia os nossos pesames.

**AOS SRS. ENGENHEIROS**

Papel Marion e Milimetrico, está venda na C. E. M.

**Anuncios**

**FATOS Á VIANEZA**

Vendem-se dois de se-nhora, novos.

Falar na Padaria de «S. José.»

**COOPERATIVA DE BARCELOS**

**CASA**

Vende-se. Rua S. Vicente n.º 8.

Nesta Administração se diz.

**COMARCA DE BARCELOS**

**Anuncio**

Por editos de trinta dias citam se os interessados Antonio José de Miranda e mulher, cujo nome se ignora; Henrique José de Miranda, solteiro, maior; e os menores puberes Elverina e Elveraldo, ausentes em parte incerta no Brasil; e, Manuel José de Miranda solteiro, menor pubere, e ausente na Hespanha, para assistirem a todos os termos do inventario orfanologico por falecimento de Manuel José de Miranda do Rego, da freguesia de Perihal desta comarca.

Verifiquei.

Barcelos, 26 de janeiro de 1925

O Juis de Direito,

Fonseca

O Escrivão de 2.º officio, Ant nio Manuel de Carvalho e Castro

uha Maria os seus vinte e tres anos em que n'uma romaria se encontrou com um gentil rapaz de Santa Eulalia de Barrosas, e sentiu, pela primeira vez, palpitar o coração com desusada força. Era Francisco, o mais guapo moço, jovial cantador ao desafio, destemido jogador de pau, e habilidoso carpinteiro, de todas aquellas cercanias.

Só tinha um defeito... Era um mãos-largas, vintem ganho-vintem gasto! Se Maria deu pela primeira vez atenção a um rapaz desconhecido emoção deu tambem a perceber a Francisco que efemeros tinham sido todos os seus amores até então.

Finda a romaria, retirou-se a jovem num rancho de companheiras, debaixo da protecção dos marmeiros dos parentes, e seguia-a a distancia Francisco com um bando de mancebos.

(Continúa).

# COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

RUA D. ANTONIO BARROSO — BARCELOS

As montadas com  
ial aperfeiçoado,  
trabalhos de im-  
ôres.

ENCADERNAÇÃO oficina em que  
se tomam todos  
os trabalhos de encadernação e brochua,  
e que são executados com perfeição e se-  
gurança.

PAPELARIA vendas por junto e a re-  
talho, de papeis, de to-  
das as qualidades, para impressão e escri-  
ta. Objetos de luxo para escritório.

## PADARIA

A Panificadora, Limitada

Rua Infante D. Henrique

Estabelecimento ótimamente montado, obedecendo a todas as condições hygiénicas, de asseio e limpeza. Fabrico de todos os tipos de pão fino e semias, para o que tem pessoal habilitado.

Fabrico especial de PÃO DOCE

Experimentem e confrontem, para preferirem esta **NOVA PADARIA**, que prima em bem servir o publico.

## ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

DE  
JOÃO DE SOUSA

Rua D. Antonio Barroso, 13 e 15

BARCELOS

Grande sortidade casimires, cheviotes e picotillos, proprios para fatos e sobretudos. Flanelas e casimiras pretas para fatos. Variado sortido de tecidos para vestidos de senhora. Cotins, riscados, flanelas, fantasias, cassas, fustões, armures chales p pretos e de côr, etc., etc.

Completo sortido em miudesas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & SOUZA

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33  
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoutos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

## A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,